

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

O que importa

Além da conversa para acertar os ponteiros e afinar a equipe, a reunião ministerial de hoje alertará a todos sobre a necessidade de ter em mente que este governo é uma frente ampla. E a democracia é o maior valor. Portanto, não dá para brigar por “miudezas”.

Saiu, mas pode voltar

Será o momento ainda de dizer com todas as letras que todos devem trabalhar pelo sucesso do governo e em harmonia. Afinal, se a gestão não tiver sucesso, Jair Bolsonaro terá uma avenida aberta rumo a 2026.

Ministra iogurte

Nos restaurantes de Brasília, os deputados começaram as apostas sobre quanto tempo a ministra do Turismo, Daniela do Waguinho, vai se segurar no cargo. Quem menciona mais tempo, fala em 90 dias. Se nas primeiras votações, o União Brasil não estiver coeso, será a senha para o seu afastamento.

Segurança pública

Recém-empossado no cargo de Secretário Nacional de Segurança Pública, o ex-deputado Tadeu Alencar (PSB-PE) tem como meta principal tirar do papel o Sistema Único de Segurança Pública (Susp). O tema será discutido com os secretários estaduais ainda neste mês. A ideia é promover um trabalho conjunto das polícias federal, militar, civil e guardas municipais, porém, sem unificação das polícias e, sim, de políticas.

Planejamento é bom, mas...

Depois da eleição de 1994, o então presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), havia reservado o Ministério do Planejamento para o economista e educador Paulo Renato Souza — que havia montado todo o governo e o esboço das reformas necessárias. O tucano José Serra, que podia escolher aonde iria, preferiu o Planejamento, para estar no centro das discussões econômicas. Só virou candidato a presidente da República, porém, quando assumiu a pasta da Saúde.

As exigências de Lula ao Republicanos



O Republicanos foi pedir o apoio do PT para garantir a vice-presidência da Câmara para Marcos Pereira e a vaga no Tribunal de Contas da União (TCU) para o deputado Jhonatan de Jesus (RR). Ouviu a seguinte resposta: “Se vocês vierem para a base do governo, está fechado”. A legenda terá 41 votos na próxima Legislatura. Ainda que tenha em sua bancada bolsonaristas convictos, como Diego Garcia (PR), a sigla tem um grupo disposto a apoiar o governo. Que ninguém se surpreenda se, mais à frente, o Republicanos, partido da senadora eleita Damares Alves (DF), faça parte do governo Lula. É com parte desses deputados que o governo pretende compensar aqueles votos do União Brasil — que não virão de jeito nenhum.

CURTIDAS



Ed. Alves/DA Press

Sempre palaciano/ Vice-líder do governo de Jair Bolsonaro, o deputado Otoni de Paula (MDB-RJ) (foto), fez questão de comparecer à posse de Simone Tebet no Palácio do Planalto e ainda trocou cumprimentos com a deputada Maria do Rosário (PT-RS), que chegou a encaminhar uma ação contra Bolsonaro ao Supremo Tribunal Federal porque, numa discussão, o ex-presidente chegou a dizer “jamais iria estuprar você, porque você não merece”.

Área restrita/ Quando foi convidado para ser ministro da Justiça, Flávio Dino, negociou antes todos os cargos do seu ministério. Assim, a equipe assumiu junto a ele. Logo, está fora da distribuição de espaços entre aliados.

A partilha dos santos/ Nem todas as imagens sacras que foram retiradas do Alvorada no início do governo Bolsonaro devem voltar. A de Santa Bárbara, do século XVIII, está hoje no Palácio do Jaburu. Como o vice-presidente Geraldo Alckmin é muito religioso, ainda não está decidido se todos os objetos voltarão.

Por falar em volta.../ Os bolsonaristas farão o primeiro teste de mobilização depois da posse neste fim de semana, em Brasília. A ideia é tentar angariar mais pessoas para os acampamentos a fim de evitar a desocupação.

GOVERNO LULA / Considerado próximo do ex-presidente, almirante Garnier Santos não prestigia a posse do sucessor e quebra protocolo do evento. Múcio dá pouca importância ao episódio e comandante da Marinha agradece a Lula no discurso

Olsen sucede bolsonarista

» VINICIUS DORIA

A cerimônia de troca de comando da Marinha do Brasil, ontem, no Clube Naval de Brasília, na qual assumiu o posto maior da Força o almirante de esquadra Marcos Sampaio Olsen, foi marcada pela ausência do antecessor, o também almirante de esquadra Almirante Garnier Santos — considerado o mais bolsonarista dos ex-chefes militares.

Na plateia, porém, havia integrantes tanto do governo de Jair Bolsonaro (PL), quanto de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em um gesto pacificador, o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, repetiu algumas vezes que, nas Forças Armadas, estava “tudo em paz”.

O ex-comandante Garnier Santos enviou apenas uma mensagem por escrito, lida por um militar, para saudar o novo titular da Marinha. A ação repercutiu entre os militares presentes e foi vista como um ato político de insatisfação com o resultado das eleições. Ele foi o único dos chefes de Força do governo anterior a não participar da cerimônia de troca de comando.

No ano passado, o almirante postou várias mensagens, nas redes sociais, de apoio ao então presidente que buscava a reeleição. Sampaio Olsen, porém, foi o único dos novos comandantes a agradecer nominalmente o presidente Lula. Ele também prometeu “lealdade” a José Múcio Monteiro.

“Expresso aqui notória gratidão ao presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo apanágio ao nomear-me comandante da Marinha. Agradeço o introdutor de orientações e estímulo, particularmente ao referir-se à

necessidade premente de prover o requerido espaço orçamentário para aumentar a capacidade e prontidão operacional da Marinha do Brasil”, declarou. Em seguida, estendeu o agradecimento ao ministro, “asseverando minha lealdade, comprometimento, disponibilidade e diligência na condução da Força Naval”.

Outras autoridades compareceram à posse, incluindo ministros do governo Bolsonaro, entre eles o ex- chefe do Gabinete de Segurança Institucional general Eduardo Villas-Boas — que apoiou os acampamentos bolsonaristas de caráter antidemocráticos —, o ex-ministro da Defesa general Fernando Azevedo e Silva, e o ex-secretário de Assuntos Especiais almirante Flávio Rocha.

Representando o governo Lula, além do ministro José Múcio, estava a ministra de Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, e o ministro da Pesca, André de Paula. Após a cerimônia, Flávio Rocha disse, em rápida conversa com jornalistas, que mantém contato com Jair Bolsonaro, que viajou para os Estados Unidos dias antes da posse de Lula para não participar da cerimônia de entrega de faixa presidencial.

Harmonia

Assim como fez na transmissão de comando da Aeronáutica, o ministro José Múcio adotou um tom conciliador, apesar do constrangimento causado pela ausência do ex-comandante da Marinha Garnier Santos, um dos altos oficiais militares mais próximos do projeto de poder do ex-presidente Bolsonaro.

“A despeito do curto tempo de convívio, pude rapidamente

Reprodução/YouTube



Dos novos comandantes militares, apenas Olsen agradeceu a Lula e prometeu “lealdade” ao ministro da Defesa

perceber os atributos morais e profissionais que qualificam o almirante Olsen para o exercício deste cargo”, disse o atual ministro da Defesa ao novo comandante, o qual qualificou como um militar de “visão ponderada”.

Entre as prioridades do novo comandante das forças navais brasileiras estão o projeto de desenvolvimento e construção de submarinos convencionais e nucleares — área em que Olsen é especialista —, o programa de modernização da frota e o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul, uma complexa

estrutura de monitoramento via satélite do mar territorial brasileiro e da zona econômica exclusiva, que incluem as bacias petrolíferas do país.

Na área da pesquisa, a Marinha coordena a presença brasileira no Continente Antártico. A troca de comando da Marinha foi marcada por uma tradicional salva de 19 tiros de canhão, um ritual militar que foi vetado pela primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja, na posse do presidente Lula, no último domingo, na Praça dos Três Poderes.



Minha lealdade, comprometimento, disponibilidade e diligência na condução da Força Naval”

Marcos Sampaio Olsen, comandante da Marinha do Brasil

Celso Amorim é nomeado assessor especial

O ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim foi nomeado como assessor-chefe da Assessoria Especial do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ele é o principal conselheiro do petista em assuntos relacionados à geopolítica. Na nova função, a responsabilidade será de despachar com o chefe do Executivo no Palácio do Planalto e manter interlocução direta com o chanceler, Mauro Vieira.

A nomeação de Amorim foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU) da última quarta-feira. Ele continuará sendo conselheiro de política externa dentro do Planalto e deverá acompanhar o presidente em compromissos internacionais, fazendo dobradinha com o ministro Mauro Vieira, do Itamaraty.

Com foco nas relações internacionais, essa é a segunda vez que Lula repete a fórmula de juntar dois conselheiros na temática. Em seus mandatos anteriores, Marco Aurélio Garcia atuou como assessor de assuntos internacionais, enquanto Celso Amorim no comando do Ministério das Relações Exteriores.

No governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), Amorim foi o titular do Ministério da Defesa. Professor, acadêmico e diplomata brasileiro, atuou como ministro das Relações Exteriores nos governos Itamar Franco e Lula. Ele também foi o representante do Brasil no exterior em diversos países e Organizações Internacionais sobre sistema multilateral de comércio e a cooperação humanitária internacional. (Com Agência Estado)